A Visão de Clodomir Vianna Moog sobre as Culturas Brasileira e Americana e os Problemas dos Países Subdesenvolvidos do Terceiro Mundo

Caio Lóssio Botelho

I — INTRODUÇÃO

Antes de entrarmos na apreciação crítica do tema em questão, queremos destacar o fato de que embora as *ciências* sejam *universais*, no entanto as *ciências sociais e humanas* não chegaram a um nível de abstração tal, em que a teoria possa ser universalmente válida. A matematização das ciências é mais objetiva e concisa nas ciências matemáticas, físicas e naturais. Por mais que sejamos científicos, no campo das ciências sociais, nele se estende inexoravelmente, a faixa do incognoscível.

II — PARALELO ENTRE AS DUAS CULTURAS

O livro BANDEIRANTES E PIONEIROS de Vianna Moog, é um ensaio preparado por um literato em que o autor procura interpretar o descompasso e o fosso entre o Brasil e os Estados Unidos da América do Norte. O autor tenta explicar o atraso brasileiro em relação aos Estados Unidos, apontando duas ordens de causas: as naturais e as históricas.

Nas causas naturais estão incluídos os fatores orográficos, climáticos e de recursos naturais. Nas causas históricas o autor destaca, a raça, a religião e a forma de ocupação do território.

Vejamos agora, dentre os fatores geográficos levantados pelo autor, o *fator orográfico;* no que se refere a este aspecto mostra Vianna Moog que os Estados Unidos apresentam grandes planícies cortadas, de quando em vez, por cadeias de montanhas. O Brasil, ao contrário, apresenta um relevo extremamente complexo, que encarece tremendamente o custo do transporte. A costa Atlântica, com os ramos da Serra do Mar, Geral e da Mantiqueira, acompanha a costa a uma distância média de 30 km, e nunca acima de 50 km, enquanto a costa Atlântica americana da Flórida ao Estado de Nova York é uma planície ininterrupta; e os Alleghanis e os Apalaches distam mais de 300 km da costa. Para o autor, os obstáculos colocados pór essa barreira, dificultaram um eficiente e barato transporte, daí o nosso atraso.

Para nós, o problema poderá ser visto por outro ângulo; no Brasil, o sistema orográfico dos planaltos meridional, central e nordestino se interligam num grau de coesão, formando o nosso sistema fisiográfico, uma verdadeira "ilha orográfica" cercado das planícies gaúcha, paraguaia, amazônica e litorânea. Tal acontecimento favoreceu imensamente, a coesão da cultura lusa na formação da nacionalidade brasileira, com repercussão profunda em nossa unidade política, por isso, enquanto a América Lusitana deu origem apenas a uma nação — o Brasil, a América Espanhola (Andes e suas ramificações) deu origem a mais de 20 Repúblicas.

No que se refere a *hidrografia,* mostra Vianna Moog que as condições nos Estados Unidos são excepcionalmente favoráveis. Apresenta aquele país grande número de rios e lagos navegáveis, correndo os primeiros para dois oceanos. Na época colonial foram largamente aproveitados e contribuiram poderosamente, para o sucesso da atividade econômica, desde seus primórdios. No Brasil, o sistema lacustre é insignificante. O melhor existente no país é o Rio Grande do Sul. Ora, dadas as dificuldades oriundas do Tratado de Tordesilhas, que delimitava as esferas coloniais de Portugal e Espanha, essa região só mais tarde foi incorporada à nossa economia. Quanto aos grandes rios, como o São Francisco, Paraná e Amazonas não serviram mais do que para guiar as Bandeiras que se lançaram na exploração do interior. Lembra que a navegabilidade do São Francisco vê-se prejudicada pela Cachoeira de Paulo Afonso situada a cerca de 250 km do Atlântico. No Paraná, as Sete Quedas constituem entrave à navegação. Quanto ao Amazonas, facilmente navegável, atravessa uma zona geo-

lógicamente em formação e que apresenta sérios obstáculos à sua valorização econômica.

Para nós, o fato acima apontado tem uma outra conotação. Inicialmente queremos ressaltar que a política colonial portuguesa foi muito sábia quando ocupou as nascentes das 05 principais Bacias Hidrográficas do continente sul-americano, Paraná, Paraguai e Uruguai (Bacia do Prata), além da Bacia do São Francisco (Rio da Unidade Nacional e "Nilo" brasileiro) e a Bacia do Tocantins-Araguaia (Rio da Cristalização Nacional). Por outro lado, destaque-se que o português se apossando da foz Amazônica, conseguiu integrar ao nosso corpo físico, a maior arte da Bacia Amazônica, além de lutar aguerridamente para incorporação de regiões sub-platinas, graças a fundação da Colônia do Sacramento.

Estas Bacias Hidrográficas, quando interligadas e aproveitadas o seu potencial hidrográfico, em sua totalidade, passa a se constituir elementos de real importância no desenvolvimento de nossa nação. Já começamos a sentir a importância e a repercussão da ocupação e transformação destes elementos físicos no potencial de nosso desenvolvimento. É curioso notar que no Brasil, as principais Bacias Hidrográficas se interligam entre sí, facilitando uma maior integração econômica e política de nossa hidrografia continental, fato esse, muito inusitado no estudo da potamografia mundial. Todos estes fatos são fatores altamente positivos para o nosso desenvolvimento.

Quanto ao *fator climático*, o autor retoma os argumentos bastante conhecidos sobre as vantagens do clima frio e temperado.

O autor admite que o clima equatorial da Amazônia, é inacessível à civilização. Para documentar essa dificuldade imposta pelo fator geográfico, analisa a experiência da Companhia Ford que tentou organizar, na Amazônia, uma grande plantação de seringueiras. Outro exemplo da influência negativa do clima, seria apresentado pelos norte-americanos que, depois da guerra de Secessão, emigraram para o Brasil, depois de algumas gerações, esses imigrantes perderam toda a fibra e deles praticamente não resta qualquer traço na vida brasileira.

Para nós, importa conhecer, relativamente ao problema climático o seguinte:

1. A forte onda de emigração nos Estados Unidos proveniente da Europa, é responsável pelo dinamismo da civilização americana e foi uma conseqüência da Lei

dos Paralelos (o fato do imigrante procurar clima análogo a sua região de origem);

2. Sendo o Brasil um país tropical, no entanto a altitude e a configuração do relevo tem efetivamente amenizado os rigores de nossa tropicalidade, e que dois terços de nosso território não existe inverno, primavera, outono, mas, sim, verão primaveril, verão outonal, verão com chuva, e verão sem chuva. Em nosso país nunca houve estímulo à produção de aquecimento, estímulo este que segundo o autor, constitui o primeiro momento de todo o desenvolvimento industrial; o que discordamos em parte. O que se torna deveras recomendável, a propósito das relações do homem com o clima, lembrar que o substrato de toda a cultura ocidental, e particularmente o da Europa (quanto aos condicionantes geográficos), residiu na vitória que teve o homem em amainar a natureza, dominando as asperezas do frio ali reinante. No momento em que o homem dominou o frio na Eurásia, assentou as vigas mestras de toda a cultura e civilização ocidental. Por isso, toda a sistemática de ação daquela civilização não poderá ajustar-se à nossa realidade tropical. Daí porque cremos, só ajustaremos o nosso progresso espiritual à nossa realidade geográfica no dia em que o nosso homem dominar o calor tropical de nosso meio, assim como os Eurasianos dominaram o frio daquelas longínquas plagas. Aí então, criaremos uma sistematização de ação em função de nossa realidade geográfica tropical.

Por isso concordamos com William Vogt quando afirma que "A Geografia é um dos mais ásperos fatores de limitação à introdução do melhoramento humano,", e aceitamos a idéia do autor Vianna Moog; "A antropogeografia (Geografia do homem) pode mais que a etnografia".

Do exposto, se conclui que sendo o Brasil a maior civilização nos trópicos, tanto no Hemisfério Ocidental como Oriental, e no Hemisfério Norte e Sul, este fato dá-nos uma originalidade marcante que nos credencia a servir de modelo à civilização dos trópicos, por isso justifica-se a expressão "Brasil, a Europa dos Trópicos". Esta afirmativa se prende ao alto preço que temos pago e continuamos a pagar na criação de uma tecnologia e um "know-how" próprios. O retardamento que o Brasil teve em seu desenvolvimento em relação aos

Estados Unidos, se prendeu justamente ao fato de que enquanto nos Estados Unidos a experiência européia vingava em toda a sua plenitude, no nosso país, tal fato não ocorreu, o que tivemos foi um longo período de fixação de um modelo tropical próprio de desenvolvimento.

A tese da superioridade das zonas temperadas sobre as regiões tropicais e equatoriais não tem nenhuma fundamentação científica, visto que, em zonas de climas não temperado, já desenvolveram grandes civilizações como: A Indú e outras na região da Indochina e Java. Por outro lado, admitir-se efeitos nefastos aos climas tropicais, não pode ser considerado como causas da crise profunda dos países subdesenvolvidos; tal postura se liga a um determinismo geográfico inconsistente, visto que já houve épocas que, no Oriente Médio, na Índia, no México e no Peru, se desenvolveram civilizações expressivas, apesar da tropicalidade do seu clima. Hoje, o progresso e o desenvolvimento do Brasil são provas evidentes de que o clima não limita e nem impede o desenvolvimento de brilhantes civilizações. Esta postura caluniadora do clima tropical não apresenta nenhuma consistência, visto que as causas do subdesenvolvimento não são permanentes, mas sim dinâmicas.

Por outro lado, para comprovar a nossa assertiva em plena Europa Temperada, surgem áreas subdesenvolvidas, como o Sul da Itália, Grécia, Espanha e Portugal, que outrora foram centros de grandes civilizações.

Sobre a disparidade de *recursos naturais,* sublinha o autor a inexistência de carvão no Brasil. Enquanto nos Estados Unidos o carvão existia quase à flor da terra, e não muito longe do ferro; no Brasil se o ferro era abundante, o carvão revelou-se escasso e de péssima qualidade. A par disso, as jazidas de um e outro se situavam a grandes distâncias. Em conseqüência, pôde os Estados Unidos empreender, no século XIX, sem maior dificuldade, sua revolução industrial, enquanto o Brasil via-se forçado a marcar passo.

Há autores que admitem a hipótese de que a presença de determinados recursos naturais, como o carvão de pedra, petróleo, ensejaram o franco desenvolvimento destes países. Esta teoria cai por terra, quando constatamos à realidade destes países, como a China, grande produtora de carvão de pedra, ou Kuwait, grande produtor de petróleo, que nem por isso podem ser considerados países desenvolvidos.

Quanto ao *problema racial,* a base do raciocínio do autor deixa dúvidas quanto a superioridade da raça branca. Vianna

Moog embora não aceite textualmente esta tese, mas a resume como um dos argumentos oferecidos para explicar a inferioridade econômica do Brasil. Enquanto nos Estados Unidos a raça branca predominava de forma absoluta, no Brasil a mestiçagem se processou com enorme intensidade. O aspecto negativo do fator racial chegou a ter, no próprio Brasil, importantes defensores. Oliveira Vianna é o principal. Sua grande esperança está na gradativa arianização das populações brasileiras, como conseqüência da intensa mestiçagem em curso.

É outra tese fatalista de causa permanente, que não resiste a uma análise mais peremptória. Querer admitir a superioridade da raça branca em relação as etnias de "cor" tanto a negróide como mongolóide, é uma inverdade científica. A História nos mostra o desenvolvimento de brilhantes civilizações que não pertenciam a raça branca, como por exemplo: A Civilização Sarracena de etnia negra, que se desenvolveu no norte da África, chegando mesmo a atingir a Península Ibérica, as Civilizações de etnia mongol, como da Indonésia, de Java etc. Modernamente, o extraordinário desenvolvimento do Japão, é uma prova inequívoca da invalidade desta tese. Esta postura se liga aos estudos superados de Gobineau e o racismo ariano de Hitler.

O autor parte das pseudo-teorias das superioridades raciais, pregadas por Gobineau, Chamberlain e Gustave Le Bonn; nós refutamos essas teses racistas, apoiadas em estudos de Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Roquete Pinto, Artur Ramos, Gilberto Amado etc.

A reação contra os postulados da pureza étnica e superioridade ariana se apóia no fato de que:

1. Praticamente é impossível a existência de raça pura, face os contactos, as migrações e conseqüentemente a miscegenação entre os povos do Universo, fruto de movimentos como:
   — as invasões bárbaras, os grandes descobrimentos etc;
2. Os grandes movimentos culturais, políticos etc.; não foram realizados exclusivamente por indivíduos de raças teutônicas (anglo-saxões, noruegueses, suecos etc.), mas também por outros grupos étnicos como: latinos, eslavos etc.;

Assim que, movimentos como: os grandes descobrimentos marítimos, a renascença, a revolução francesa etc.; fo-

ram todos acontecimentos realizados por indivíduos não teutônicos.

Até mesmo na *colonização* fica evidenciada a invalidade da tese, pois a prevalecer aquele ponto de vista, a Guiana Holandesa e a Guiana Inglesa estariam em condições mais avantajadas do que o Brasil, por terem sido colonizadas pela "raça superior" dos anglo-saxões e nerlandeses, o que é uma inverdade histórica. Muito pelo contrário, o português sim, é que deu provas de sua capacidade de povo colonizador dos trópicos.

O mais que podemos admitir, é que o elevado índice de cruzamento de indivíduos, provoca um impacto bio-psicológico atuando no equilíbrio emocional da Nação, mas isto a curto prazo. No entanto, não temos dúvidas que um povo altamente miscigenado, será um povo privilegiado, face ao polimorfismo de sua cultura, como temos observado na História da humanidade.

O que condicionou o desenvolvimento dos povos teutônicos, a vanguarda dos povos latinos, pode ter sido um *acaso geológico*. Pois, enquanto os primeiros tiveram a felicidade de encontrar em seu subsolo o carvão e o petróleo em abundância, os latinos não tiveram este privilégio. Fato este que determinou a dianteira dos anglo-saxões na civilização industrial de nossos dias.

O *fator religioso* transcende ao caso brasileiro. Vianna Moog retoma a tese de Max Weber sobre o papel positivo do protestantismo, sobretudo calvinista, no aparecimento do capitalismo. Sendo o Brasil um país católico e os Estados Unidos protestantes, com forte influência calvinista, teríamos aí mais um novo fator a estimular o atraso relativo do primeiro.

De acordo com a teoria conhecida de Max Weber, a respeito da relação calvinismo e capitalismo, procura explicar o autor, explicar os diferentes tipos de colonização nos dois países. Segundo Vianna Moog, da História, conclui-se que sem os protestantes, ou melhor, sem os calvinistas não haveria nem discriminação racial nem capitalismo. Como, para os calvinistas a fraternidade é irrealizável, chega-se a justificação e aceitação, como fatores normais as desigualdades econômicas, em contraste com a crença católica e pré-capitalista, da possibilidade da fraternidade universal e de justiça social, sob a égide da Igreja. Como se vê, o autor atribui uma influência ampla ao calvinismo. Lamentavelmente, deixou de lado, o autor, o papel do iluminismo na organização política dos Estados Unidos.

Autores há que insistem no efeito nocivo ao desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo, ligando às religiões fatalistas, o que é também uma inverdade. Um exame à luz da História, mostra o aparecimento de civilizações de grande desenvolvimento, ligadas as mais variadas religiões. Prova disto, é que apesar do fatalismo pregado pela religião Islã, este dogma não impediu do Islamismo ser o "fio condutor" das conquistas e civilizações árabes e criando mesmo um clima espiritual e político propício e realizando destarte, um extraordinário progresso da economia e do pensamento, foi este fato denominado pelos historiadores de "um milagre árabe".

Vianna Moog dá maior importância à diferença no *sentido de colonização;* um sentido espiritual, orgânico e construtivo na formação norte-americana, e um sentido predatório, extrativista e só secundàriamente religioso na formação brasileira. Daí decorre que, enquanto os colonizadores portugueses consideravam-se de passagem no Brasil, dispostos a enriquecer, e a voltar para a Europa, os ingleses renunciavam definitivamente as suas raízes européias e se dispunham a iniciar uma vida inteiramente nova. Na cultura, o brasileiro se caracteriza pelo desinteresse pela ciência, diferentemente do americano; o que nós brasileiros priorizávamos era o interesse pelos clássicos e por um humanismo falso, segundo o autor.

Vejamos como se expressa Vianna Moog sobre a questão do modo e do espírito de ocupação dos dois países. "Os primeiros povoadores das colônias inglesas na América, principalmente os puritanos do Mayflower, não vieram para o Novo Mundo, só ou predominantemente, em busca de minas de ouro ou de prata e de riqueza fácil. Vieram, isto sim, acossados pela perseguição na pátria de origem, em busca de terras onde pudessem cultuar o seu Deus, ler e interpretar sua bíblia, trabalhar, ajudarem-se uns aos outros e celebrar o ritual do seu culto, à sua maneira. Ao embarcarem, trazendo consigo todos os haveres, mulheres e filhos, deram as costas à Europa, para fundar deste lado do Atlântico uma nova pátria teocrática dos calvinistas. Não pensaram no regresso; para eles só havia um modo de ser agradável a Deus: ler a Bíblia e trabalhar e prosperar, prosperar e acumular riquezas. Eram colonizadores e não conquistadores". Contrasta essa situação com que houve entre nós: "No Brasil, infelizmente, ocorreu, em quase tudo, precisamente o contrário. Os portugueses que vieram ter primeiro às terras de Santa Cruz eram todos fiéis vassalos de El-Rei de Portugal. Se, por um lado, desejavam ampliar os domínios da cristandade — a Fé e o

império, traziam os olhos já demasiadamente dilatados pela cobiça. Eram, inicialmente, conquistadores e não colonizadores, como seriam, mais tarde, bandeirantes e não pioneiros. Como El-Rei e toda a Côrte após a descoberta do caminho das Índias, queriam despojos e riquezas. E ninguém embarcava com o pensamento de não mais voltar a pátria lusitana. E ninguém trazia o propósito de enriquecer pela constância no trabalho. Deixavam atrás a pátria, os amigos, a família e as ocupações normais, na esperança do "Eldorado".

Concluindo, vemos que Vianna Moog *resume* as diferenças entre os dois países da seguinte maneira:

1. Geografia favorável, posição do pioneiro com um aperfeiçoamento moral bastante significativo, dignificação do trabalho, estes fatos sintetizam a formação norte-americana;
2. Precária geografia, limitações do bandeirante em relação a conceituação do trabalho, aperfeiçoamento moral do homem diante da humanidade, sintetizam a formação brasileira.

O americano acredita no trabalho e está num ambiente favorável, por isso organizou o país mais rico do século XX, o brasileiro, ao contrário, não dá importância ao trabalho, na construção e na perfectibilidade do homem, está em ambiente desfavorável, por isso seu país é pobre.

Lamenta-se o fato do autor não comparar o desenvolvimento do Japão com os Estados Unidos e do Brasil, pois nesse caso as suas explicações teriam outras conotações.

Fica claro que a postura implícita para a compreensão da ideologia e do caráter nacional, pelo autor, é de que a vida econômica é determinada por fatores psicológicos, e estes por sua vez, são determinados pela História, mas que podem ser reformados por intervenção psicológica.

III — O PROBLEMA DO SUBDESENVOLVIMENTO

A expressão Terceiro Mundo foi criada pelo demógrafo francês Alfred Sauvy, para designar um conjunto de países com estagnação econômica; o primeiro grupo a se constituir historicamente foi dos Países Desenvolvidos na órbita capitalista, o segundo grupo foi dos Países Desenvolvidos na área

socialista, e o terceiro grupo foi dos Países Subdesenvolvidos. Por outro lado, a expressão Países ou Regiões Subdesenvolvidas foi criada pelos geógrafos para explicar a estagnação do desenvolvimento no espaço, com distorção durável, com rápido crescimento demográfico e equipamentos e técnicas inadaptados ao progresso.

Claramente se deduz que estas expressões são reservadas aos espaços que se desviam do desenvolvimento normal. Esta postura de agrupar em um mesmo conjunto espacial, Regiões ou Países, que embora apresentem diferenças específicas, no entanto, apresentam elas uma característica comum, qual seja: a estagnação econômica em relação ao crescimento demográfico, é uma postura geográfica.

Queremos ressaltar que o fenômeno do Subdesenvolvimento surgiu após o período da liquidação progressiva dos grandes impérios coloniais, muitos dos países que obtiveram a sua independência política, bem assim, outros que haviam obtido sua independência em períodos anteriores, continuam como áreas economicamente dependentes. O movimento pela independência de tribos, povos e nações coloniais, ensejaram uma variedade de tipologia de subdesenvolvimento, em função da característica sócio-política de cada um desses elementos. A soberania alcançada foi ora por meio político, ora por ação violenta. Certo é que, a guerra e a luta pela independência dos países afro-asiáticos firmou a consciência do subdesenvolvimento e a necessidade da institucionalização de uma política desenvolvimentista. É interessante observar, que ao terminar a guerra, estes países (de economia primário-exportadoras) possuíam saldos em divisas, acumulados durante o período da 2.ª Guerra Mundial. No entanto, estes saldos foram gastos em importações supérfluas. A situação desses países veio a se tornar mais crítica, a partir da década de 1950. Várias formas foram apontadas para o combate ao subdesenvolvimento como: ajuda externa, atração de capital estrangeiro, mobilização de recursos externos. No Brasil, a postura para enfrentar o subdesenvolvimento é marcada com contínuo processo de industrialização para substituir as importações. Ultimamente, com a Reforma do Cruzado, tem-se procurado induzir o mercado interno.

Cumpre ressaltar que o movimento de independência dos países coloniais, forçou à criação nestes países de uma política e de uma ideologia de desenvolvimento, as quais variavam em função do seu tônus sócio-político; isto é, se o Estado havia se organizado sob a forma de tribo, de povo ou nação.

Ressalte-se que os Estados que adquiriram a soberania política a partir da 2.ª Guerra Mundial, onde o problema do subdesenvolvimento mais se agravou, foram aqueles que se organizaram sob a forma de tribo.

Os movimentos nacionalistas, apesar de terem sido considerados como uma atitude capaz de romper com o subdesenvolvimento, não conseguiram. O que efetivamente se verificou, diante do nacionalismo, foi uma nova postura política onde cada país passou a ditar a sua política econômica, através de controle e decisões, com aproveitamento de seus recursos, pela intervenção do Estado, assumindo este a função controladora e disciplinadora, das atividades econômicas e sociais, permitindo destarte, dar aos novos países a decisão na utilização de seus recursos próprios; mas, lamentavelmente, não conseguiram até agora extirpar a pobreza absoluta.

As causas do subdesenvolvimento dos países do terceiro mundo se ligam mais a fatores eminentemente históricos. Vejamos algumas destas razões históricas:

1. A *conquista colonial* — observa-se que a totalidade das populações do terceiro mundo tem o seu subdesenvolvimento ligado à natureza da conquista colonial. A maioria dos países subdesenvolvidos foi colocada no decurso da História, em situação de dependência, em relação a metrópole colonizadora. A difusão da economia moderna não se faz com bases nas trocas econômicas, mas sim através do "pacto colonial", cujo pacto gera uma ligação estreita na institucionalização da dominação política. Transformada em serva, a colônia devia fornecer o que a metrópole não podia ou não queria produzir, e a situação se agravava pelo fato da colônia não poder comercializar diretamente com os outros países do mundo, a não ser através da tutela da metrópole, se abstendo ainda de toda a atividade comercial reservada à metrópole, que usufruía destarte, de todos os benefícios do processo comercial, sendo as perdas ou ônus absorvidas pelas colônias. A colonização provocou a destruição da sociedade progressista, e a ruína das atividades manufatureiras e artesanais das colônias, e transformando-as em meras produtoras de matéria-prima. Apesar de todos estes fatos, queremos ressaltar que a colonização não é a condição necessária e suficiente do subdesenvolvimento. Tanto isso é ver-

dade, que diversos países que não foram colonizados no sentido preciso do termo, como: Turquia, Irã, no entanto, se tornaram nações subdesenvolvidas. Em contrapartida, países que foram colônias na expressão mais eficiente do termo, transformaram-se em países desenvolvidos como: Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia.

2. *Troca do colonialismo político pelo econômico* — após a 2.ª Guerra Mundial, vários países colonizados por diversas nações européias, adquiriram a sua independência, em plena forma de organização sócio-política rudimentar, visto que estes países em pleno regime tribal, conquistaram a sua soberania política, sobretudo os países africanos, sem que a sua população tenha evoluído para patamares mais elevados, sob a forma de povos ou nações. Estes países continuaram com uma economia de subsistência, e fecharam-se em sí mesmo, não desenvolvendo uma estrutura interna de evolução, a ponto de criar uma elite consciente e obstinada. Aproveitando desta deficiência, é que nações colonizadoras como: Grã-Bretanha, França utilizaram de uma estratégia de maior submissão, dando-lhes a soberania política em troca de uma maior infiltração de um colonialismo econômico, traduzido pela presença de trustes e cartéis, que passaram a sugar as riquezas destes países, sem trazer nenhum contributo para o desenvolvimento social.

3. *Capacidade Técnica* — há países como: China, Índia e alguns países árabes, que apresentaram durante vários séculos um avanço técnico e científico consideráveis em relação a Europa Ocidental, mas apesar deste fato de promover uma verdadeira Revolução Industrial, não conseguiram sustentar o progresso, depois de um período de franco desenvolvimento científico e tecnológico bastante elevados; o dinamismo do seu processo evolutivo tornou-se posteriormente nulo, até estagnar-se, chegando a ponto de "esclerosar" as suas sociedades, por razões históricas de características eminentemente internas. Foi portanto a debilidade das suas sociedades que levou ao subdesenvolvimento. Tal assertiva, podemos encontrar na civilização chinesa do século IV que já extraía o carvão e utilizava a siderurgia, fabricava ins-

trumentos de bronze, pesando 52 toneladas. O mesmo aconteceu com o Japão, a Índia e outros países muçulmanos, que naquela época, o grau de evolução técnica, nestes diversos países, tinham atingido um ápice de progresso, muito superior aos europeus, até as vésperas da Revolução Industrial.

4. *Falta de coesão das estruturas sociais* — de alguns países, determinou a debilidade das suas sociedades, deixando que estes fossem dominados por nações estrangeiras, sendo incapazes de se defenderem. Conquistados por tropas européias, muito reduzidas, as quais souberam com muita habilidade tirar proveito dos conflitos internos existentes, entre os diversos grupos sociais, étnicos e instituições políticas. A incapacidade de se defender destes povos colonizados não se deve a seu temperamento indolente, ou por falta de capacidade militar. Os povos que se deixaram se submeter ao regime colonial, sem dificuldade, por um punhado de europeus, mostraram depois, no futuro, a coragem, a tenacidade extraordinária, nas lutas que levariam a reconquistar a sua independência. Esta reviravolta dialética, vem demonstrar que apesar da colonização ter destruído as suas estruturas tradicionais, solapando o poder da autoridade de alguns chefes, que mantinham o seu poder, e que levaram o progresso, posteriormente, a História fez ressurgir das cinzas coloniais, novas lideranças e povos obstinados, que com uma consciência coletiva em torno do processo da independência, levaram a descolonização de vários países dos mais diversos continentes. Como vemos, a colonização e a descolonização resultam mais de forças interiores e o poder colonizador, tanto é verdade, que estas forcas jogaram por terra o imperialismo político, a colonização capitalista, reinante até a década de 1950.

5. *Traição da minoria nativa para manter os seus privilégios* — A História mostra que a maior parte das conquistas coloniais teriam sido impossíveis sem a intervenção de um certo número de nativos poderosos, ao lado do estrangeiro europeu, visto que numerosos membros da aristocracia autóctone tornaram-se aliados dos colonizadores. Neste momento

então, os europeus impuseram e mantiveram a sua autoridade graças as tropas nativas, que se incorporaram as suas forças. Ressalte-se que estes soldados não podiam ser recrutados senão com apoio dos "senhores" locais e de princípes que aderiram à causa da colonização. E foi justamente a ação nefasta da colonização européia que destruiu as estruturas tradicionais dos nativos, visando o aumento do seu poder político. Qual a razão deste acontecimento? A resposta se fundamenta no fato de que grande parte dos países da Ásia, África e América Pré-Colombiana, as formas de apropriação privada da terra, eram extremamente raras, e estas terras na sua totalidade, eram de propriedade do soberano, que recebia o imposto das comunidades aldeãs e tribais. A concessão de um feudo a um vassalo não dava o direito a propriedade a terra, mas tão-somente o recebimento do imposto, em nome do soberano. É quando, com a chegada dos europeus, estes introduziram nestes países relações sociais diferentes, baseadas na apropriação privada da terra; foi este fato que permitiu que um número expressivo de nativos tivessem interesses de apoiar a colonização e suas concepções fundiárias, transformando destarte, o seu direito fiscal em direito de propriedade total. Os povos dos países colonizados não foram vencidos propriamente dito pelos europeus, o que aconteceu, é que foram traídos e vendidos pela minoria de privilegiados que tinham o domínio e o poder nativo. É bem provável que sem estas traições, a expansão colonial não teria se tornado um grande fenômeno histórico, que propiciou posteriomente, o SUBDESENVOLVIMENTO

IV — *Considerações Finais*

Aqui e agora, lançamos a seguinte indagação:

— Por que sociedades que no passado atingiram notáveis índices de progresso e desenvolvimento, não foram capazes de prosseguir sua evolução?
— Por que países cujo nível técnico e científico, superior aquele que caracterizava a Inglaterra no início do século XVIII, não foram capazes de fazer a Revolução Industrial?

— Por que essas sociedades não européias cessaram os seus progressos e registraram um sensível retrocesso, antes mesmo da dominação dos colonizadores europeus?

Para nós, estas perguntas e outras indagações, poderão "ser encontradas", em tomadas de posições, que induzam o progresso e o desenvolvimento, apoiadas nos seguintes pontos:

1. A existência de uma solidariedade entre os seus habitantes, indispensável para uma tomada de consciência de decisão;

2. Um centro de polarização que tenha força e potencialidade, onde se estabeleça uma estratégia, conscientizando-se de que este espaço, esta região, se constitua parte de um todo maior que é a Nação ou Estado, de cujas fracções políticas depende;

3. Atuação de uma minoria criadora no seio da sociedade, com uma consciência de existência de solidariedade entre os seus habitantes;

4. O repto formado pelas contradições destas sociedades e a sua resposta adequada, onde a região não é um espaço fechado;

5. Equilíbrio entre o repto permanente do meio e as respostas a altura das populações nele inserida, que levará a criação de um centro de polarização dinâmico;

6. No plano político — a institucionalização de um sistema constitucional e um governo democrático;

7. No plano econômico — encontrar-se um *modus vivendi* entre a livre empresa e o socialismo, promovendo um controle e a redistribuição racional, e equilíbrio da renda e da riqueza, na propriedade privada, através da interferência do Estado, combatendo a pobreza no plano social;

8. No plano moral — restabelecer a superestrutura sobre os fundamentos da ética ou da moral.

Diante destes três últimos aspectos, o moral é o mais importante e significativo, porém os problemas econômicos e políticos são os mais urgentes.

BIBLIOGRAFIA

1. MOOG, Vianna — *Bandeirantes e Pioneiros;*
2. LEITE, Dante Moreira — *O Caráter Nacional Brasileiro;*
3. BOTELHO, Caio Lóssio — Brasil — *A Europa dos Trópicos;*
4. NOGARE, Pedro Dalle — Humanismos e Anti-Humanismos — *Introdução à Antropologia Filosófica;*
5. QUIGLEY, Carroll — *A Evolução das Civilizações;*
6. TOYNBEE, Arnold — *Um Estudo da História*